

FICHA DE SISTEMATIZAÇÃO

Eixo: 1**Tipo de atividade:** painel**Título da atividade:** A Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento**Ficha feita por:** Ademar Bertucci, João Roberto Lopes e Ruth Espínola**Facilitador:** Ademar Bertucci**Organização:** País: Cáritas / Brasil**Síntese da atividade:****Questões enfocadas:**

O sensível crescimento de práticas econômicas associativas representa uma resposta à crise social produzida pela globalização seletiva e excludente do neoliberalismo. Tamanha emergência do campo da economia solidária evidencia o sentido claro de resistência das populações afetadas por esse processo. Contudo, a sustentabilidade dessas práticas, algo vital para se vislumbrar horizontes de fato alternativos, está associada à construção de processos que superem o sentido original de resistência. Nesse sentido, alguns caminhos mostram-se particularmente fecundos:

- Avançar na articulação e convergência internacional das organizações e das populações envolvidas com as práticas de economia solidária.
- Tornar o Estado permeável à promoção de políticas públicas adequadas à potencialização das práticas de economia solidária.
- Combinar a dinâmica local dessas práticas ao contexto macro-econômico nacional e internacional, especialmente no que se refere às trocas internacionais.
- Integrar as agendas norte e sul como forma de desenvolver alianças políticas solidárias de modo a fortalecer as lutas sociais em cada uma das partes do hemisfério.

Convergências (indicar a origem dos pontos – facilitador, expositores da mesa ou público):

Algumas convergências entre os expositores da mesa:

- A construção de uma agenda de trabalho entre as redes e organizações do campo da economia solidária no âmbito internacional que favoreça o conhecimento recíproco e a identificação das convergências existentes.
- A singularidade do papel da mulher no desenvolvimento da economia solidária.
- A necessidade de se combinar a dinâmica local dessas práticas ao contexto macro-econômico nacional e internacional, especialmente no que se refere às trocas internacionais.

Divergências (indicar a origem dos pontos – facilitador, expositores da mesa ou público):

De um lado, majoritário entre os expositores, apresentou-se a economia solidária como uma alternativa de desenvolvimento, que avança em relação à economia capitalista. De outro, a idéia de uma economia solidária como complemento à economia formal.

Pontos emergentes, novos – que sejam questões, paradigmas, propostas, estratégias, etc. (indicar a origem dos pontos – facilitador, expositores da mesa ou público):

Estratégias que merecem destaque:

- O mapeamento das organizações e redes que atuam no campo da economia solidária, de forma a promover o conhecimento e as trocas entre as mesmas;
- A construção da articulação internacional a partir dos diferentes processos, realidades, redes, práticas e conceitos existentes.
- Produção de indicadores sócio-econômicos adequados à realidade das práticas da economia solidária.

Observações e comentários:

Expositor: Lorette Picciano

Organização/País: Coalizão Rural México/EUA

Texto Prévio* : sim

Palavras-Chave:

Economia solidária; integração regional; desenvolvimento rural sustentável, comércio e “fair trade”.

Visões, paradigmas, pontos de partida:

A Coalizão defende a economia solidária e a cooperação, a aproximação de pessoas para o comércio, os acordos de “fair trade” que servem às comunidades e não às corporações, equidade para camponeses e trabalhadores rurais e um desenvolvimento justo e sustentável para pessoas de baixa renda, populações das mais diferentes etnias e comunidades rurais.

Questões e tópicos enfocados:

A atuação das grandes corporações estadunidenses agroindustriais impactam sobre a vida de camponeses e trabalhadores rurais, tanto nos EUA quanto no México, provocando o empobrecimento e mesmo a expulsão dessa população da terra. Essa realidade apresenta-se como um contraponto a percepções e análises que presumem haver uma dicotomia político-social entre EUA e México. Na verdade as políticas voltadas para o mercado de produtos agrícolas nos EUA têm implicações hemisféricas e apesar disso estão longe de um maior debate público.

Apesar de alguns ganhos pontuais, os ativistas comprometidos com a economia solidária são incapazes de alterar a injustiça da adoção massiva da “US Farm Bill” de maior de 2002, lei essa que favorece as corporações em detrimento mesmo dos trabalhadores locais.

Propostas (Objetivos):

Os esforços de economia solidária podem ser reforçados a partir daqueles que representam “o sul dentro do norte” a partir da construção de uma agenda comum e partilhada de políticas com seus irmãos e irmãs através do mundo. Esses grupos devem perseguir a construção da cooperação econômica, bem como o compartilhamento de estratégias e informações, como alternativa à dominação das corporações. Incluindo aí um engajamento mais direto de colaboração econômica e comércio dos produtos gerados pela economia solidária.

Estratégias (meios):

Existe a necessidade de se avançar na construção de uma alternativa largamente partilhada voltada para questões de preço, fornecimento, comércio, dumping e segurança alimentar.

A Coalizão vem desenvolvendo uma grande cooperativa de consumo “Supermarketcoop” sediado no México. Os produtos da produção local são vendidos e onde existe um trabalho de educação dos consumidores sobre a qualidade e origem dos produtos e sobre questões relacionadas à economia solidária. Desse modo busca-se agregar o civismo de um consumo ético para alargar o apoio e a força da economia de base.

Ativismo político para assegurar direitos humanos e civis. A Coalizão apoia o movimento “O interior não agüenta mais!” de camponeses mexicanos contra a política agrícola americana.

O movimento da Coalizão pretende partilhar informações e estratégias de sua luta anti-corporação com suas contrapartes a fim de fortalecer essas análises e contruir uma agenda comum.

Pontos emergentes (novidades):

O compartilhamento de estratégias e informações entre produtores e trabalhadores rurais dos EUA e México no contexto de integração econômica crescente da região.

A economia solidária como sendo a alternativa que se coloca para esses segmentos contra a atuação das grandes corporações. O elemento cooperativo emergindo do encontro entre realidades distintas que, contudo, compartilham o estado de resistência contra o domínio da lógica de mercado.

Atores identificados (para implementar as propostas de estratégias):

Coalizão Rural México/EUA

Trabalhadores rurais e camponeses.

Organizações civis que atuam na promoção da economia solidária.

Observação e comentários:

Expositor: Rabia Abdelkrin-Chikh

Organização/País: Fórum de Mulheres Africanas para uma Economia Solidária – FAMES/Senegal

Texto Prévio* : sim

Palavras-Chave:

Economia solidária e gênero; economia popular.

Visões, paradigmas, pontos de partida:

Na África cerca de 80% da população vive da economia popular e solidária. Desses, 90% são práticas conduzidas por mulheres.

A pobreza não deve ser pensada apenas como falta de dinheiro mas como falta de vínculos sociais que proporcionem suporte e condições para a construção de soluções coletivas.

Questões e tópicos enfocados:

Não é suficiente reconhecer e registrar as práticas concretas realizadas pelas mulheres. Importante a identificação de novos parâmetros de leitura sobre a situação de pobreza e riqueza. Incorporando elementos específicos da realidade enfrentada pelas mulheres.

Propostas (Objetivos):

Trazer para dentro do movimento da economia solidária a questão das relações entre homem e mulher. Há a necessidade de uma maior presença da discussão sobre o papel que vem desempenhando as mulheres, particularmente as africanas, no desenvolvimento da economia solidária.

Documentar as experiências tomando por base novos indicadores sobre a realidade sócio-econômica das populações.

Estratégias (meios):

Pontos emergentes (novidades):

O peso e importância significativos da economia popular e solidária na África.

Atores identificados (para implementar as propostas de estratégias):

Fórum de Mulheres Africanas para uma Economia Solidária – FAMES

Observação e comentários:

Expositor: Niceta Lucero

Organização/País: Fraternidade dos Trabalhadores Asiáticos – CMT / Filipinas

Texto Prévio* : sim

Palavras-Chave:

Economia social; políticas públicas de economia solidária, desenvolvimento.

Visões, paradigmas, pontos de partida:

A economia solidária está associada a regras, redes e instrumentos informais em contraposição às facilidades formais de corporações e governos no processo de mobilizar o capital, gerar produção, bens de troca e serviços; enfim de promover desenvolvimento. Suas regras vinculam-se à cultura do grupo, que não compartimentalizam o aspecto financeiro separando-o da vida social.

A economia solidária se desenvolve no contexto asiático de avanço das relações de mercado que penetram o campo e inviabilizam unidades familiares voltadas para a subsistência. Some-se o processo errático de urbanização daí decorrente. Além disso, a incapacidade das agências governamentais e privadas em reconhecer o pobre como o capital principal de seu próprio desenvolvimento.

Questões e tópicos enfocados:

A economia solidária não compete com a economia formal, mas sim a complementa. Nesses termos, trata-se portanto de construir a “sinergia estado e sociedade” a fim de promover as vantagens contidas na economia solidária.

Quanto às vantagens destaca-se:

- favorece uma melhor governança pois aumenta a demanda por serviços e aumenta a fiscalização sobre os serviços oferecidos
- permite uma importante difusão de informações em razão da forte comunicação interpessoal característica desses empreendimentos
- reduz os custos na realização de serviços ao permitir uma relação mais direta entre o prestador e o usuário
- atua como um seguro social especialmente entre os imigrantes que normalmente não possuem uma cobertura social.

Propostas (Objetivos):

A construção dessa sinergia pressupõe reformar as instituições para estabelecer mais oportunidades para grupos associativos, estabelecendo incentivos para desencorajar a discriminação em instituições financeiras e ofertando serviços que tornem o acesso mais equânime. Reduzir as persistentes disparidades no controle sobre recursos financeiros e políticos relativamente ao setor das corporações.

Estratégias (meios):

Pontos emergentes (novidades):

A emergência da economia social no contexto asiático.

Atores identificados (para implementar as propostas de estratégias):

Fraternidade dos Trabalhadores Asiáticos – CMT

Observação e comentários:

Expositor : Madeleine Hersent.

Organização/País: Polo de Socioeconomia Solidária da Aliança por um Mundo Justo, Plural e Solidário / França.

Texto Prévio*: Sim

Palavras-Chave: Socioeconomia Solidária, Desenvolvimento, Mulheres e Socioeconomia Solidária, Governo, Estado, Alianças, Autonomia, Cidadania, Sindicatos, Trocas, Integração, Capitalismo, Alternativas, Autogestão, etc.

Visões, paradigmas, pontos de partida: A Socioeconomia Solidária fortalece os laços e os atores locais, fazendo de cada um/a sujeito de sua própria história. Trata-se de uma iniciativa econômica de desenvolvimento integral realizado por todos e para todos. Embora as experiências vislumbradas estejam frágeis, que estes movimentos têm tido representação local, regional, global, internacionais e, que hoje, reconhece-se a existência de mais de 22 redes nacionais, plurais que vêm articulando-se entre si.

Questões e tópicos enfocados: 1. A centralidade da mulher na Socioeconomia Solidária. 2. Debater e fazer interagir o Estado e a Sociedade, não esquecendo os temas macro-econômicos como os da dívida externa, o comércio internacional, etc.

Propostas (Objetivos): 1. Trabalhar o reconhecimento da Socioeconomia Solidária enquanto um projeto político de democracia econômica e de transformação social cuja contribuição das mulheres deve igualmente ser identificado como relevante. 2. Construção de Indicadores de riqueza e de exclusão para evidenciar um novo modelo de desenvolvimento em questão. 3. Promover mudanças e fortalecer os projetos socioeconômicos de forma integrada.

Estratégias (meios):

1. Mostrar a transversalidade dos movimentos e buscar integrar de modo horizontal as diferentes formas e atores de economia solidária cuidando para envolver os agentes diretos, trabalhadores da Economia Solidária, e inibindo o controle e direção dos meios acadêmicos e das agências de fomento.
2. Construir uma verdadeira interação com trocas de bens, serviços entre o Norte – Sul, Norte – Norte e Sul – Sul. Necessário que seja um movimento realmente internacional, local, regional, global.
3. Conhecer, identificar as redes em Economia Solidária existentes.
4. Trazer os sindicatos, o Estado, o meio acadêmico e os movimentos anti-globalização para o debate e para ação.
5. Fazer com que a mudança seja cotidiana.

Pontos emergentes (novidades):

Atores identificados (para implementar as propostas e estratégias): Pessoas, especialmente experiências com mulheres no campo da autogestão e de inclusão social no fortalecimento da cidadania, democracia e autonomia de cada ator. Busca de novos atores e alianças com poder, sindicatos, movimento

Observação e comentários: Apresentou experiência de famílias de imigrantes de quem vem do sul e de vários locais vizinhos. Mostra o protagonismo das mulheres locais que, por vezes, não falam necessariamente a língua francesa. Projeto que julga ser *suis genesis* já que advém de uma iniciativa cidadã de bairros que detém um senso de coletividade comunitária muito forte.

Os atores têm tido um aprendizado que têm dado espaço para uma forma autogestionária própria.

Expositor: Juan Carlos Vargas

Organização/País: Programa Laboral de Desarrollo Red Global /Global Network Plades / Peru.

Texto Prévio* : sim.

Palavras-Chave: Economia Solidária, Eficácia, Competência, Sustentabilidade, etc.

Visões, paradigmas, pontos de partida: O mundo busca salientar a importância da disputa, da concorrência. Eficácia dos empreendimentos e de suas propostas.

Questões e tópicos enfocados: Como assegurar sustentabilidade, não econômica ou financeira? Por quê durante a vida das iniciativas populares elas perdem suas bases?

Propostas (Objetivos): Importância do resgate da autonomia das práticas associativas.

Estratégias (meios): Necessário ver como mensurar nossos projetos.

Pontos emergentes (novidades):

Atores identificados (para implementar as propostas e estratégias):

Observação e comentários:

Expositor: Abdu Salam Fall

Organização/País: Rede Intercontinental de Economia Social e Solidária/Senegal, África.

Texto Prévio*: Não.

Palavras-Chave: Economia Solidária, Capitalismo, Economia Doméstica, Sobrevivência, Políticas Públicas, Neoliberalismo, Feminino, Economia Popular, Desenvolvimento Local, etc.

Visões, paradigmas, pontos de partida: O Continente vive numa contradição. De um lado adota o sistema e as práticas neoliberais e, de outro detém números majoritários de pessoas que buscam na economia popular a sobrevivência.

Questões e tópicos enfocados: Na África há uma grande diversidade de atores no campo da economia solidária que não são reconhecidos pelas políticas públicas dos países africanos, destacamos três: 1. A economia doméstica a qual coloca o papel da mulher como preponderante uma vez que é ela quem gera os recursos domésticos/privados e que mobiliza outros recursos para a sobrevivência de toda família. Daí as inovações para alcançar novos recursos com a limitação de escolarização. 2. Constelação de iniciativas que trazem também uma diversidade de resistência à pobreza que vem aprofundando-se. 3. Empresariado privado e coletivo em vários domínios comerciais, de serviço, no campo da agricultura, etc.

Propostas (Objetivos): A Rede Intercontinental se coloca como um instrumento eficaz no sentido de fortalecer e centralizar estratégias rumo a um projeto de sociedade e de globalização alternativo.

Estratégias (meios): Internacionalizar as estratégias de resistência, de coalizão e de construção em que a Economia Solidária cresça rumo a uma economia popular e dos movimentos populares. Neste sentido, buscar o fortalecimento das articulações internacionais de Lima (1997), Quebec (2001) e Dakar (2002) rumo a consolidação da Rede Intercontinental em Dakar 2005.

Pontos emergentes (novidades): A transição de uma economia popular para uma economia solidária apresenta riscos colocados pelo neoliberalismo. Ele lança uma névoa sobre a economia solidária. De um lado, a questão do mimetismo da competição. Nebulosidade de valores: mimetismo de competição, concorrência selvagem no processo de economia popular. A Economia Popular se coloca apenas como funcional. Ela não se articula enquanto um movimento em torno do desenvolvimento local.

Atores identificados (para implementar as propostas e estratégias):

Observação e comentários:
